



REALIDADE LOCAL: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DE AULAS PRÁTICAS EM CAMPO NO LITORAL DO PARANÁ.

EDNA BATISTA ROCHA; ANGELITA BELO; RENATA CRISTINA ALVES DE BRITO; LORIZE QUINTINO DA SILVA; ELENIR IVETE KOEKE

RESUMO

Introdução: O presente estudo apresenta a importância das aulas de campo na Educação Ambiental, denota como a imersão prática e a experiência do contato com a natureza podem enriquecer e aprofundar o aprendizado, além de fortalecer a ligação entre os estudantes e o meio que o cerca. A Educação Ambiental desempenha um papel fundamental para promover a sustentabilidade, não apenas viabiliza o conhecimento sobre o uso consciente dos recursos naturais, entretanto, ajuda a desenvolver valores e habilidades necessários para o enfrentamento referente aos desafios socioambientais. **Objetivo:** A proposta tem como objetivo demonstrar a relevância das aulas práticas realizadas em campo para uma melhor percepção dos estudantes sobre o meio ambiente e de sustentabilidade, no curso de Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais Associadas da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral – Matinhos PR, e evidenciar como atividades em ambientes externos contribui para solidificar saberes sobre a natureza, proporcionando uma compreensão mais crítica, com potencial para gerar impactos significativos. **Metodologia:** Abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, que envolveu pesquisa bibliográfica; atividades de campo, visitas nas comunidades de pescadores, quilombola e áreas naturais; roda de conversa com a população local. **Resultados:** Os resultados evidenciam que as aulas de campo ampliam a compreensão dos estudantes, proporcionando conhecimentos não disponíveis nos livros didáticos. Além de contribuir para a conscientização sobre a relação harmoniosa entre humanos e natureza, alinhada aos objetivos de desenvolvimento sustentável, essas aulas promovem práticas transformadoras. O texto aborda diversas perspectivas dos locais visitados, destacando tanto a utilização responsável e sustentável dos recursos naturais quanto os danos causados em áreas de preservação devido à má gestão e ao descarte inadequado de resíduos. **Conclusão:** Essa abordagem educacional, integrando teoria e prática, estimula a reflexão sobre os desafios ambientais contemporâneos. Enfatiza a importância de usufruir dos recursos naturais sem prejudicar o meio ambiente, buscando uma ressignificação do conhecimento. Capacita os estudantes para se tornarem multiplicadores desses saberes, preparando as futuras gerações com uma perspectiva crítica e engajada na busca por transformações positivas.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Teoria; Prática; Comunidades; Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do estudo surgiu da percepção a cerca da importância das aulas de campo na contribuição para a aprimoramento de conceitos mais expressivos em relação as questões ambientais e de sustentabilidade, uma vez que as experiências vivenciadas proporcionam uma concepção mais profunda da realidade e seu contexto.

As aulas de campo exercem um papel de grande importância pedagógica, capaz de consolidar na prática os assuntos abordados em sala de aula através da vivência com a realidade

(SILVA E JÚNIOR, 2016). A conexão do indivíduo com o meio ambiente é de grande importância para a sensibilização e aprendizado. A Educação Ambiental é um tema relevante e muito discutido atualmente, relacionado à sustentabilidade. Para garantir uma relação sustentável entre a sociedade e o ambiente, a Educação Ambiental é fundamental para reverter a degradação e promover a conservação, desenvolvendo valores, conhecimentos e habilidades nesse contexto (LIMA & BRAGA, 2014). Essa relação está vinculada com os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), o qual se aproxima do objetivo 6 com a temática “Cidades e comunidades sustentáveis”, em que cidades e assentamentos humanos se tornem inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

O distanciamento do discente das aulas de campo dificulta a sua relação no vínculo da teoria com a aplicação na prática, sendo fundamental para o envolvimento do estudante com situações reais. Segundo Dos Santos *et al.* (2019), as aulas de campo também são fatores que agregam e somam positivamente na medida em que representam um espaço para compartilhar ideias, experiências, conhecimento além da sala de aula.

A obra de Alberto Acosta “O bem viver” trabalhada nas aulas que antecederam as saídas de campo, apresenta apontamentos relevantes sobre a urgência de se construir sociedades verdadeiramente solidárias e sustentáveis, que resgatem e reatam a comunhão entre humanidade e a natureza, revalorizam diversidades culturais, tendo uma filosofia de vida com seu significado que é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos parte dela e não podemos continuar vivendo “a parte” dos demais seres do planeta, somos humanos, somos natureza, e a sociedade deve ser sustentada sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesma e com a natureza. O bem-viver se firma no equilíbrio, harmonia e convivência entre os seres, se opõe à iniquidade própria do capitalismo, onde poucos vivem bem em detrimento da maioria, fazendo uma crítica ao produtivismo e ao consumismo desenfreado e fúteis, tendo como prioridade construir modos de vida que não sejam regidos pela acumulação de capital. Não se trata em voltar à idade da pedra e nem negar a tecnologia ou saber moderno. É uma oportunidade para construir outra sociedade, sustentada em uma convivência cidadã em diversidade e harmonia com a natureza, um conceito de comunidade em que ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganhar. Para se alcançar tudo isso, é necessário processos de mudanças de tempo e espaços longos que podem levar anos, décadas ou séculos.

O presente estudo tem como objetivo, sumariamente apresentar como as aulas práticas de campo ministradas durante o módulo da disciplina de Gestão Ambiental e utilizadas como ferramenta na Educação Ambiental, alargam a percepção dos mestrandos e contribui para apropriação do conhecimento. Proporcionar uma experiência prática aos estudantes por meio de aulas de campo, aproximando-os das comunidades e saindo do contexto teórico, criando uma conexão significativa entre teoria e prática, permitindo compreender a importância da vivência direta na aprendizagem. Restabelecer o vínculo emocional com a natureza, despertando sensibilidade para a sua beleza e importância da sua conservação. Buscar uma visão mais consciente da relação entre seres humanos e natureza.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

As saídas de Campo foram realizadas pelos alunos do Mestrado em Ensino das Ciências Ambientais Associadas (PROFCIAMB), da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral no município de Matinhos – PR, no primeiro semestre de 2023. As atividades foram ministradas pelos Professores Doutores Ana Josefina Ferrari e Luiz Fernando de Carli Lautert, responsáveis pela disciplina de Gestão Ambiental.

As aulas aconteceram em quatro saídas, duas no Parque Rio da Onça no município de Matinhos; uma na localidade onde é realizado o cultivo de Ostra no município de Guaratuba e por último na comunidade quilombola “Batuva” no município de Guaraqueçaba.

A estudo foi embasado em uma abordagem qualitativa e exploratória, e análise dos dados descritiva, foi utilizada a pesquisa descritiva, para apontar as observações feitas durante as aulas de campo. “Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo” (GIL, 2005, 42). Nessa abordagem, coletou-se informações que refletiam as diferentes realidades das comunidades e áreas naturais, permitindo compreender o modo de vida e os meios de subsistência de cada uma delas. Além disso, foi realizada entrevistas e roda de conversa com os locais, a fim de descrever situações específicas vivenciadas pelas comunidades. Essa abordagem possibilitou realizar uma descrição ampla dessas comunidades, destacando suas características e dinâmicas.

Também foi observado a vivência dos estudantes por meio das aulas práticas de campo e a sua relevância no contexto das aulas, pesquisa propícia para estudo do objeto e a relação com seu contexto.

A pesquisa bibliográfica possibilitou uma conversa entre teoria e prática, autores que abordam o tema como a obra de Alberto Acosta "O bem viver" também é mencionada como uma referência para construir sociedades sustentáveis e solidárias, entre outros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aulas de campo com a finalidade de observação técnica, correlacionando com a teoria aplicada em sala de aula e a prática. “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.” (FREIRE, 1996, p. 25).

As duas primeiras aulas de campo foram realizadas no Parque Estadual Rio da Onça, localizado no município de Matinhos. O parque é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, que contribui para a conservação de espécies da fauna e da flora remanescentes da Mata Atlântica, além de ser um corredor ecológico que possibilita a transição das espécies de áreas isoladas, colaborando para a variabilidade genética de espécies e na dispersão de sementes. Mas nem sempre foi assim, ações conjuntas possibilitaram a recuperação dessa área, que antes era negligenciada pelos órgãos que deveriam protegê-la. Outra atividade desenvolvida no local são as atividades educativas de sensibilização ambiental com as escolas e público geral. O Parque Estadual Rio da Onça atualmente possui 1600 hectares, graças à junção com o antigo parque Banestado; o local possui 5 trilhas com um circuito aproximado de 1,5 quilômetros com vários trechos com alagados que facilmente podem ser atravessados por pontes suspensas. Dentro do parque há a nascente do rio Guaraguaçu e uma diversidade de bromélias que colore toda a extensão das trilhas.

As aulas se dividiram em duas etapas, no primeiro momento os estudantes apreciaram o parque realizando a trilha em meio a vegetação nativa, neste momento percebe-se a importância da floresta para a manutenção dos recursos naturais, visto que, como um exemplo, essa unidade de conservação abriga uma nascente de um dos rios mais importantes para a região litorânea, o Rio Guaraguaçu, o qual hospeda ecoossistemas únicos, como manguezais, florestas de terras baixas e diversas espécie de peixes, sendo importante para as atividades de pesca da região. O parque também contribui para a preservação de uma variedade de animais e plantas. As aulas de preparação para a saída de campo ocorreram na universidade, a parte teórica e os assuntos pertinentes ao local de visita, entretanto, só se pôde medir a dimensão da beleza desse espaço e toda sua biodiversidade, no contato direto com este ambiente. Já no local, outras discussões foram realizadas, entre uma fala e outra, as árvores, as flores o som dos animais, despertando percepções e sentimentos que nunca seriam medidos dentro dos muros

das instituições, os mestrandos demonstraram curiosidade, entusiasmo e interesse sobre o local, fazendo perguntas, tirando as dúvidas e interagindo com o guia, professores e colegas de turma.

“a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil”. (FREIRE, 1996, p. 32)

No segundo momento, os estudantes tiveram a oportunidade de visitar o antigo lixão, que ficava dentro do Parque. Uma das problemáticas enfrentadas foi a utilização de parte do local para recebimento de lixo no período de 1968 até aproximadamente 1990, mesmo já sendo declarado como área de proteção, muito lixo ainda se encontra no local, sendo monitorado por um grupo externo, segundo os especialistas retirá-lo causaria mais danos, o melhor a fazer é esperar que a própria natureza o elimine. A visita no antigo lixão permitiu uma dimensão maior de como era a região alguns anos antes e da extrema degradação do ecossistema por conta do descarte inadequado dos resíduos sólido na localidade, constatar de perto os impactos ambientais e a batalha da floresta para se reerguer (FIGURA 1 e 2), foi realmente impactante, a vegetação renascendo em meio a todo aquele lixo, nos faz refletir no quanto a humanidade faz pouco caso dos seus recursos naturais, tão valiosos para a vida.



Figuras 1 e 2 - Área do antigo lixão, dentro da Unidade de Conservação.
Fonte: Estudantes do Mestrado (2023)

A terceira aula de campo foi realizada no caminho das ostras, localizado em Guaratuba. A primeira parada foi no estabelecimento Ostras Belém, local da família de Elvisley José Rocha Ferreira (conhecido como Belém), sua esposa e precursora no cultivo das ostras que ensinou seu marido a ostreicultura, foi ela que recebeu e conversou com os estudantes, os quais puderam entender melhor e tirar as dúvidas de como funciona o cultivo de ostras na Baía de Guaratuba (FIGURA 3, 4 e 5). As sementes (ostras filhotes) são recebidas da Universidade Federal de Santa Catarina e depositadas em lanternas que ficam na baía por aproximadamente 15 meses para amadurecerem. Essas lanternas são limpas diariamente para a retirada de cracas que impedem o crescimento da ostra; todo esse trabalho é realizado pelas mulheres da família. O local possui alguns impactos na paisagem natural, todas as modificações foram feitas antes da chegada da família no local. A segunda parada foi no estabelecimento Sítio Sambaqui, local com restaurante e, no verão, passeios turísticos e prática de *Stand up paddle*. Toda a extensão do estabelecimento é inserida no meio natural, possuindo poucas modificações extremas, com o foco de manter a visão litorânea. Nos fundos do estabelecimento é possível observar o manguezal abaixo da ponte suspensa, no qual os clientes podem fazer a travessia e chegar à baía para a prática de *Stand up paddle*. A última parada foi realizada no Bistrô Vivere Parvo; o

restaurante possui diversas modificações na paisagem, com temática marítima e de extraterrestres. A ostra servida no local é comprada do Belém e todo o seu cardápio é focado na gastronomia de frutos do mar. Nesta visita observou-se como os pescadores retiram da natureza seu sustento de forma que não agrida o ecossistema marinho, pois as ostras não são retiradas diretamente da natureza, contudo se utiliza da natureza para cultivá-la.



Figuras 3, 4 e 5 - Explicação sobre o cultivo de ostra.
Fonte: Estudantes do Mestrado (2023)

A última aula de campo foi realizada na comunidade Quilombola Batuva, localizada no município de Guaraqueçaba, há 32 Km do centro da cidade. A aula iniciou às 5h45, em frente ao prédio da UFPR setor litoral, com a turma de 2023 e os professores.

Durante a viagem, houve uma parada no rio Cachoeira, parte da Baía de Paranaguá, onde se discutiu ideias de Paulo Freire sobre os saberes dos povos tradicionais. Seguindo caminho, o grupo passou pela comunidade indígena "Raio do Sol", a primeira de Guaraqueçaba, não houve parada na aldeia. Por volta do meio dia, o grupo chegou no quilombola. A comunidade de Batuva sobrevive da agricultura, com plantações de arroz, milho, feijão e verduras, além da criação de animais. A saúde é baseada no uso de ervas e raízes. O acesso à comunidade é limitado, contam com apenas um transporte, sendo este, ônibus, o qual passa somente duas vezes por semana.

O professor Ilton, morador e líder da comunidade, recebeu a todos calorosamente em sua casa, oferecendo um delicioso almoço preparado por sua esposa Ágda. Em uma roda de conversa o professor compartilhou suas experiências (FIGURA 6 e 7) e enfatizou a importância da prática associada à teoria, falou a respeito da história de sua comunidade, sobre a conquista pelo reconhecimento de serem remanescentes dos quilombos, também comentou brevemente sobre as tradições e cultura, com regras que valorizam o respeito à natureza e aos outros. Após essa discussão seu Ilton levou os estudantes para visitar sua plantação de palmito e de bananeira, no trajeto foi observado uma horta e alguns animais de criação para consumo, segundo ele, atendendo às necessidades da comunidade, todavia, sempre em harmonia com a natureza, deixando para sua geração futura um legado sustentável que garante ao mesmo tempo, recursos para subsistência sem perder o respeito pelo meio ambiente. Uma vivência singular, estamos acostumados a pensar sobre as comunidade quilombolas a partir dos conhecimentos encontrados no livros, entretanto, conhecer uma e ouvir de um quilombola toda a sua história de luta e resistência, nos faz mergulhar em novos territórios, seus ensinamento estão muito além do que vemos na teoria, só uma experiência como está oportuniza compreender a amplitude dos saberes dos povos tradicionais e quanto temos muito que aprender sobre a nossa relação com o meio ambiente.



Figuras 6 e 7 – Quilombola Batuva - Roda de conversa com o líder da comunidade

Fonte: Estudantes do Mestrado (2023)

Para Diegues (1996, p. 87)

(...) comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nelas, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso dos recursos naturais renováveis (...). Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena (...).

Layrargues (2004) reconhece a importância de uma educação ambiental enquanto projeto educativo que pretende transformar a sociedade, contribuindo para uma mudança de valores e atitudes para formação de sujeitos, pensando no cuidado com a natureza e com o outro. Para ele, a educação constitui uma arena, um espaço social que abriga uma diversidade de práticas de formação de sujeitos contemporâneos, considerando o ambiente como o conjunto das inter-relações que se estabelecem entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos.

4 CONCLUSÃO

As aulas práticas em campo promoveram entre os participantes o diálogo e o vínculo com o meio ambiente, numa perspectiva de sustentabilidade. Mesmo em pequenas cidades, muitas pessoas acabam se distanciando da natureza. As atividades durante as aulas práticas buscaram proporcionar uma imersão nesse contexto ambiental, estimulando as sensações, percepção dos sons, cheiros e microclimas presentes. Por intermédio dessa experiência, os mestrandos puderam refletir sobre a relação entre o regional, o local e o global, compreendendo como os diferentes elementos naturais, como o mar, a planície e a floresta, interagem com os aspectos sociais, como o uso do entorno e ocupações irregulares, incluindo a questão do lixo. Nesse contexto, foram valorizadas as contribuições dos povos tradicionais e pescadores, que possuem um conhecimento único sobre a natureza, mesmo sem formação acadêmica, e quanto podemos aprender com esse conhecimento empírico.

Além de tudo, durante o retorno dessas aulas práticas, os estudantes tiveram a oportunidade de repensar sobre seus valores, atitudes e a forma de como se relacionam com o ambiente,

levando a uma redefinição de valores, a simplicidade da vida e o respeito por toda vida do planeta. Essa abordagem é vista como fundamental para que as novas gerações enfrentem os desafios futuros e contribuam para o desenvolvimento territorial sustentável.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos/ Alberto Acosta: tradução de Tadeu Breda - São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LAYRARGUES, Philippe Pompier. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Disponível em: https://smastr16.blob.core.windows.net/cea/cea/ident_eabras.pdf. Acesso em: out. 2022.

LIMA, Renato Abreu; BRAGA, Andrina Guimarães Silva. A relação da educação ambiental com as aulas de campo e o conteúdo de biologia no ensino médio. **Revista eletrônica em gestão, educação e tecnologia ambiental**, p. 1345-1350, 2014.

SANTOS, Izani Gonçalves dos; DA SILVA, Isaias Pereira; ARAÚJO, Ronaldo Rodrigues. **Importância das Aulas de Campo para o Aprendizado em Climatologia Geográfica: Conhecimento Além Das Salas De Aula**. Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), v. 21, n. 2, p. 646-655, 2019.

SILVA, André Felipe; JUNIOR, Rogério José de Oliveira. Aula de Campo como Prática de Ensino/Aprendizagem: Sua Importância para a Geografia. **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos A Construção do Brasil: Geografia, ação política e democracia**, 2016, São Luís -MA. Educação, 2016.